

TRADIÇÃO INVENTADA: AS TOURADAS DA MEMÓRIA (1960-1970)ⁱ

Ms. Marisa de Oliveira Camargoⁱⁱ

Quando se impõem novos paradigmas a uma determinada sociedade, também se operam transformações no comportamento político que seguem determinados padrões em certos momentos históricos.

Na década de 1960/70 a cidade de Cuiabá-MT passou a viver um período de rápidas transformações urbanas e culturais, com a chegada de milhares de migrantes sulistas em Mato Grosso. A partir destas décadas, começaram a aparecer nos jornais, artigos preocupados com a cultura regional e nacional que, segundo estes mesmos artigos, se viam ameaçadas diante de um avançado “progresso tecnológico e industrial” e da “invasão” cultural estrangeira que estaria suprimindo a cultura local. É nesse contexto de suposta ameaça que o conceito sobre determinadas práticas, como diria Paul Veyne em *“Foucault revoluciona a história”*, precisava ser modificado. Aquilo que outrora foi considerado como bárbaro, violento, “uma fábrica de assassinos”, neste período e exatamente neste momento, precisou ser reinventado. Estamos falando justamente das touradas cuiabanas, que nestas décadas começaram a aparecer novamente nos jornais, invocadas por articulistas e intelectuais interessados em construir uma memória coletiva e social regional. Desta vez, elas ressurgiram como uma “tradição” que passou e que não deveria ter acabado.

Alguns intelectuais lembraram a tourada, espetáculo que acontecia no século XIX e começo do XX em Cuiabá, com grande nostalgia, se dedicando a escrever sobre seus aspectos, aqueles que acreditavam ser os traços das mais autênticas tradições de sua terra, narradas em tom autobiográfico. Segundo alguns memorialistas, a tourada era um espetáculo concorridíssimo e, como tal, não devia cair no esquecimento. Banida do

calendário festivo de Cuiabá desde 1936, por ser considerado naquela época bárbaro e violento, o espetáculo das touradas passou a fazer parte da memória desses cuiabanos, que durante as décadas de 1960/1970 a lembraram em tom saudosista, influenciados pela invasão cultural estrangeira que acontecia no país deste período, a qual causou, conforme os próprios memorialistas disseram, "a perda da identidade cultural".

Para entendermos as condições de produção desse discurso, faz-se mister saber o que se passava no cenário brasileiro e o que autorizou a construção desta preocupação.

Na década de 1950, a euforia desenvolvimentista aberta com o governo de Juscelino Kubitschek reflete-se na vida brasileira. O Brasil foi assolado novamente por uma onda de modernização semelhante a do começo do século XX. Nas décadas de 1889 a 1920, as transformações que ocorreram nas cidades brasileiras giraram em torno da higienização das cidades baseadas no cientificismo. Desta vez, o progresso era justificado pela industrialização, símbolos da modernidade.

Em Cuiabá, cresceu uma desconfiança do futuro acompanhada da nostalgia pelo passado, percebida nos discursos que lamentam a perda das referências espaciais, temporais e culturais, conforme Suzana Cristina Souza Guimarães, em seu artigo *“Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970)”*. Suzana Guimarães nos diz que isso ocorre, particularmente, entre os “intelectuais que se sentem “culturalmente invadidos” e ameaçados por um modo de vida, hábito e por um visual urbano mediado cada vez mais por uma cultura massiva, homogênea, que se impõe em relação às formas e modos particulares e específicos de uma sociedade ainda territorializada na cultura local...”. A partir da década de setenta e nos anos posteriores, assistiu-se na cidade a um crescente movimento preservacionista dos bens e valores cuiabanos, considerados ameaçados pelos impactos produzidos pelo processo de “modernização”, privilegiando o enfoque desse impacto sobre a cultura local.

Ao contrário do início do período republicano, quando o desejo da população daquela época era o de ser estrangeiro, conforme nos diz Nicolau Sevecenko em seu livro *Literatura como missão*, nas décadas de 1960 e 1970, o desejo era o da busca uma identidade nacional, regional, em oposição a uma cultura estrangeira que se impunha massivamente, produzindo um sentimento de perda de identidade cultural.

Segundo Suzana Guimarães, tudo o que era moderno seria “associado à técnica, progresso, razão, máquina, quantidade, massa, econômico, etc, diferentemente da concepção tradicional que seria cultura, tradição, humano, popular, qualitativo, regional, etc.” (GUIMARÃES, 2004). Em oposição ao acelerado processo de homogeneização cultural e à ameaça da perda de identidade nacional, podemos perceber que houve um processo de criação de uma identidade regional, baseada em antigas “tradições”, que trariam marcos de uma cultura local, passíveis de criação de uma identidade regional. É o que percebemos no caso das touradas cuiabanas, estudado aqui.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “*Arte & Identidade : Cuiabá 1970-1990*”, Suzana Guimarães desconstrói a noção de identidade regional como um objeto dado ou natural analisando as práticas que foram construindo a idéia de cuiabania, recortando as práticas imagéticas do circuito artístico de Cuiabá entre 1970 e 1990.

Concordando com Paul Veyne, Guimarães diz que “ ...ao invés de acreditar que existe uma coisa chamada “identidade cuiabana”, pré-existente, natural (que não poderia ser de outra maneira), minha tarefa era desconfiar dessa “naturalidade”, desconstruir as articulações, desvendar a trama, ou desfazer a teia para mostrar como essa idéia foi construída...” (GUIMARÃES, 2002, p.15)

Mas a operação de construção em curso, seja da identidade cultural seja das tradições que a engendrariam, pode também ser analisada através da idéia de tradição inventada desenvolvida por Eric Hobsbawm, em *A invenção das tradições*. Por tradição, Hobsbawm entende “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou

abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBBSAWN, 1997, p. 9)

Hobsbawn diz que na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se “por estabelecer com ele uma continuidade artificial.” Em poucas palavras, o autor nos coloca que elas são reações a situações novas que “ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É “o contraste entre as constantes mudanças do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social...” (HOBBSAWN, 1997, p.10)

Temos que observar que tradição não é a mesma coisa que costume. Para este autor, o objetivo das tradições é a invariabilidade. O passado real, ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas, tais como a repetição. Já o costume, para Hobsbawn, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e “pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente.” (HOBBSAWN, 1997, p.10) Indo mais adiante em sua análise sobre as tradições, o autor afirma que quando ocorrem transformações rápidas da sociedade, que debilitam ou destroem os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzem-se novos padrões com os quais essas tradições tornam-se incompatíveis. Sendo assim, inventam-se novas tradições.

Para ele, as tradições classificam-se em três categorias: “a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidade reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a

socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.”
(HOBBSAWN, 1997, p. 17)

Usando os conceitos que Hobsbawn formula a respeito das tradições para pensar o significado dessa retomada das touradas cuiabanas a partir da década de 1960, poderíamos dizer que a tourada em Cuiabá se tornou uma autêntica tradição, uma “tradição inventada”. Inventada para um momento que era necessário legitimar um interesse específico, o da construção de uma identidade regional enraizada em costumes antigos, outrora banidos.

Segundo Hobsbawn, grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, “ mas incrivelmente transformados “ exigem novos instrumentos que assegurem ou expressem identidade e coesão social. Para ele, as tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes, sendo portanto evidente a intenção de inventá-las para manipulação.

No caso que pesquisamos - o do completo fim das touradas cuiabanas- , observamos que nas décadas de 1960/70 renova-se o espetáculo, rememorando apenas os costumes, e não mais aquilo que fez a “tradição das touradas” desaparecer. Aqui, utilizou-se a terceira categoria que Hobsbawn formula a respeito da tradição, aquela cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento, visando uma certa ancoragem no passado.

A tradição inventada, nesse momento, teve uma função política e social , a criação de uma identidade regional, assentada no discurso saudosista do passado, baseada na memória de alguns intelectuais que através de seus artigos, inculcaram na população a idéia da preservação dos bens que, para eles, eram culturais e regionais; de que antes, “vivia-se melhor e mais feliz”. Até mesmo espetáculos que outrora foram considerados bárbaros, agora eram dignos de se tornarem “tradição”.

Suzana Guimarães diz que textos, sons e imagens funcionam como máquinas produtoras de sentidos e significados ao tomarem um ponto como material. Assim como no caso das práticas imagéticas que estuda, os discursos dos artigos dos jornais que encontramos, baseados nas memórias de alguns intelectuais deste período, fazem parte do mesmo movimento de invenção de uma identidade espacial e uma cultura regional homogênea para a cidade de Cuiabá.

No nosso caso, o material manipulado pelos articulistas que compõe a trama que tece o discurso sobre a cultura é a memória. Os próprios articulistas produzem essa memória, matéria-prima que alimenta neste momento o discurso sobre a cultura cuiabana e a identidade regional.

Nas décadas de 1960/70, especialmente, a cidade de Cuiabá emergia como “cidade na ou de fronteira”, como Suzana Guimarães nos aponta, se configurando como rota principal do fluxo migratório e “mediadora do projeto federal de ocupação dos ‘vácuos demográficos’ amazônicos... Nesta nova cidade tragada pelo crescimento acelerado, pela rapidez dos transportes e instantaneidade das comunicações de massa, pela explosão demográfica, pela ocupação de terras e expansão da rede urbana como negócio, tudo se misturava – gentes, classes, sentimentos e hábitos os mais diversos possíveis, o que levava a constituir-se – como um espaço sem forma definida, despedaçado, partido em sua inteireza sem sentido. Uma vez que tudo parecia fora de lugar, desfigurado, fica claro que, de um modo geral, a sensação de estar perdido no tempo e no espaço afetava não apenas uma coletividade, mas também toda uma classe social que se vê em crise, pelo medo de não conseguir manter mais os privilégios e lugares sociais conquistados, de ter a memória estilhaçada e a vida prestes a ruir, pois sente que tudo que construiu um dia está se acabando, se esvaindo, fugindo do seu controle.” (Guimarães, 2002, p. 21-22).

Surge então um surto de memória a partir da década de 60 do século XX, que articula uma crise de uma estrutura de temporalidade anterior, que marcou a fé no

progresso e na modernidade. Se antes era preciso banir aspectos culturais que demonstravam atraso e, portanto, deveriam cair no esquecimento, chega um momento em que é necessário lembrar.

Concomitante aos avanços tecnológicos desse período, o novo Plano Nacional de Cultura foi concebido de modo a estimular a difusão da cultura conforme se difunde um produto. Suzana Guimarães diz que “Ao conceituá-la como plural, esta narrativa tratava de construir uma identidade e uma memória, para o Brasil e para os brasileiros, que englobasse o heterogêneo, buscando nas diferentes realidades regionais a compreensão do todo.” (GUIMARÃES, 2002, p. 28) Segundo a autora, o discurso nacional ao conceituar a cultura brasileira, retomando como ponto central a cultura regional, dispara uma corrida identitária que “marca no Brasil a disputa e a tentativa das diversas regiões de forjarem para si ‘mais valores’ que pudessem ser nacionalmente reconhecidos e instituídos como modelos a serem seguidos pelo restante do país, cada um por sua vez, o lugar do qual se exerceria uma hegemonia cultural.” (GUIMARÃES, 2002, p. 30)

Longe de simplesmente tomarmos por verdade as palavras destes artigos, que a princípio nos fazem acreditar na existência de uma “autêntica e tradicional cultura cuiabana”, preferimos seguir os passos de Paul Veyne para desmistificar as entranhas deste discurso. Paul Veyne nos esclarece que o que se entende como verdade, pode ser modificado a qualquer momento. “Cada prática depende de todas as outras e de suas transformações, tudo é histórico e tudo depende de tudo; nada é inerte, nada é indeterminado e,... nada é inexplicável; longe de depender de nossa consciência, esse mundo a determina.”(VEYNE, 1998, p. 268)

Com os artigos pesquisados, observamos que houve a tentativa de construção de uma memória social e coletiva, igualando-a às memórias individuais dos cuiabanos, formulando um pensamento supostamente homogêneo e que se pretendia hegemônico, conservando aquilo que os memorialistas queriam e consideravam digno de tornar

tradição, sem se preocupar com o que foi conservado na memória popular. Segundo Le Goff em *História e Memória*, o homem pode atualizar informações passadas utilizando de alguns artifícios, como no caso aqui, os artigos dos jornais. Para Le Goff, a memória liga o presente ao passado e seu papel é o de fazer aparecer novamente aquilo que se foi, que se perdeu no tempo. A memória nos identificaria como indivíduos e como coletividade, tendo a capacidade de criar um passado com detalhes da memória de quem escreve, por exemplo, um artigo baseado em sua experiência pessoal.

Os discursos veiculados nos jornais pretenderam representar, criar, de forma saudosista, a cultura e a identidade cuiabana, concomitante a outros processos como o da criação da arte regional. Por isso, insistimos em desconfiar dos discursos, interrogando-os e analisando a “parte oculta do iceberg”, papel e ofício de todo historiador.

ⁱ Este trabalho faz parte do terceiro capítulo da tese de mestrado da autora defendida em 2005 pelo programa de Pós-Graduação em história da UFMT sobre o espetáculo das touradas em Cuiabá no começo do século XX.

ⁱⁱ Mestre pelo programa de Pós-Graduação em História da UFMT.